

LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE

Fátima Helena Azevedo de Oliveira ³⁵
fatimavernaculas@yahoo.com.br

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

A República de Moçambique localiza-se na África Austral, banhada pelo Oceano Índico, tem como vizinhos países anglófonos como: África do Sul, Swazilândia, Zimbabwe, Tanzania.

O povoamento humano de Moçambique remonta ao Paleolítico inferior. O mais antigo povo que morou na terra hoje designada por Moçambique falava línguas do grupo bantu, entre os séculos primeiro e quarto AC. Povo agrícola, organizou sociedades pastoris, conquistou os vizinhos através de permutas diversas.

Ao chegar à região, os portugueses já encontraram, portanto, uma sociedade organizada seja do ponto de vista econômico, seja do ponto de vista linguístico. Impôs os seus hábi-

³⁵ Professora Doutora em Letras Vernáculas. Lecionou Língua Portuguesa na República de Moçambique por doze semestres letivos. Residiu no país por seis anos consecutivos.

LIVRO DOS MINICURSOS

tos culturais; não reconheceu como língua a fala dos naturais; escravizou e retirou do povo o direito de cidadania.

Nota-se que a política ocupacional portuguesa nas regiões africanas não tinha por objetivo desenvolver habilidades linguísticas e culturais do povo. Basta observar documentações disponíveis da época. Se no século XV, com a expedição de Vasco da Gama, os lusitanos chegaram à Moçambique; por outro lado, no século XIX, havia uma única escola primária em todo o país.

Historicamente, o português foi língua franca na Costa Ocidental da África na segunda metade do século XVII, estava no auge na chamada “Colônia do Cabo” (África do Sul).

Segundo Newitt (1998), os séculos XVI e XVII foram marcados pela presença portuguesa no litoral de Moçambique através de atividades comerciais.

Com a independência, em 1975, o governo moçambicano fez mais pela língua portuguesa que séculos de colonização. Por razões políticas, tornou-a língua oficial, usada no quadro das diversas atividades oficiais: legislativas, executivas e judiciais. Com uma política linguística, cujo objetivo era o interesse nacional, a coesão interna, bem como a construção da interioridade, tornou obrigatório o ensino do português, mesmo nos recantos mais distantes em meio a guerra. Importava professores de Portugal e do Brasil para os diversos níveis de escolaridade, não só para os universitários. Publicava obras literárias e distribuía nas escolas, institutos e universidades.

A diversidade linguística de Moçambique é uma das suas principais características culturais. Ainda que haja um panorama linguístico, no qual mais de trinta línguas de diferentes grupos étnicos convivem com a língua oficial, a influência sobre esta última é muito leve.

Não só a República de Moçambique instituiu a língua portuguesa como oficial. Foi escolhida como oficial por países

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

como Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Macau, Timor Leste e desde julho de 2007 na Guiné-Equatorial, sendo também falado nos antigos territórios da Índia portuguesa (Goa, Damão, entre outros).

Em Moçambique e Angola, ao lado das línguas africanas (na maioria de origem bantu), a língua portuguesa é falada nas regiões urbanas. Segue alguns traços próprios, ainda que se revele próxima à norma padrão europeia.

Língua de prestígio social, em Moçambique, o português é falado essencialmente como segunda língua por uma parte da população. Conforme os dados do Censo de 1980, o português era falado por cerca de 25% da população e constituía a língua materna de 1% dos moçambicanos. O censo de 1997 indicou aumento nesta percentagem, passando a 39,6% de falantes do português, deste 8,8% , usam o português para falar em casa. De uma maneira geral, o mais frequente é usar uma língua moçambicana do grupo bantu como materna. Distingue-se o emakhuwa como língua materna mais difundida (26,3%); em segundo lugar está o xichangana (11,4%) e em terceiro, o elomwe (7,9%). É preciso ressaltar que o Estado valoriza as línguas nacionais e promove o seu desenvolvimento e uso crescente como línguas veiculares e na educação dos cidadãos.

Com relação à educação, os dados estatísticos apontam para o fato de que com a independência, duplicou o número de alunos inscritos no ensino primário, passando de seiscentos para um milhão e trezentos mil. Apesar dos esforços, o português se impôs como língua urbana.

LIVRO DOS MINICURSOS

A VARIEDADE MOÇAMBICANA DA LÍNGUA PORTUGUESA

As especificidades do português em Moçambique são eliciadas se se admitir a existência de um *continuum polidialectal* ao longo do qual podem ser observados com maior e menor frequência a presença de alguns traços gramaticais. Este *continuum* é composto por diversas subvariedades que vão de um extremo muito próximo do padrão europeu a outro extremo com traços sistemáticos da variedade moçambicana.

Gonçalves (2000) afirma que a variedade moçambicana da língua portuguesa apresenta uma tendência estável de mudança em relação ao Português europeu.

Segundo Gonçalves (2000), as áreas de mudanças mais comuns são a Fonética e Fonologia e a Sintaxe. Considera reduzidas as mudanças no Léxico e na Morfologia. Nesta última sobressai no enfraquecimento da morfologia flexional nominal e verbal; pela perda do pronome pessoal acusativo; pela simplificação do paradigma do imperativo, em relação à segunda pessoa do singular.

O léxico apresenta novo vocabulário para as quais a língua portuguesa não tem palavras, como a fauna e a flora locais ou nas áreas culturais. Podem ser destacados os neologismos de origem bantu. Empréstimos como: “milando” (confusão); “lobolo” (tributo paga pelo noivo aos pais da noiva); “muhugo” (branco) são comuns no dia a dia do falante moçambicano.

Na área da pronúncia, Gonçalves (2000) assevera que há tendência entre os moçambicanos a fixar em Português estrutura consoante-vogal, fenómeno que desencadeia vários efeitos visíveis, como a não redução de vogais átonas ou a inserção de vogais entre grupos consonânticos: “ritmo [ri'timU].

Quanto à Sintaxe, Gonçalves (2000) apresenta as seguintes alterações:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- 1- Regência verbal;
- 2- Ordem dos pronomes pessoais átonos;
- 3- Novos mecanismos para encaixe das orações subordinadas.

Oliveira (2006) constatou, *in loco*, que o conjunto dessas alterações não é comum a todos os falantes. O enfraquecimento da morfologia flexional nominal e verbal é um fato na variedade moçambicana da Língua portuguesa, observado entre os falantes pouco escolarizados, como ocorre no Brasil.

Ao pesquisar o léxico, Oliveira (2006) verificou que palavras africanas como “minhoca”, “cambada” e “candonga” fazem parte do vocabulário do Português desde o século XIV. No período de seis anos de atuação em salas de aula e terras moçambicanas, a autora constatou um grande esforço do povo em dar “um colorido” local ao Português, através de empréstimos lexicais das línguas bantu: “milonga”, “machimbombo”, “matapa”.

Ao longo do minicurso, as condições de uso, o léxico e os diversos traços gramaticais serão analisados em textos originais de Moçambique, em trechos cujo objetivo é registrar a realidade linguística do país.³⁶

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, P. *Dados para a história da língua portuguesa em Moçambique*. Maputo, 2000. <http://ev.instituto-camões.pt/tlp/geografia/portuguesmocambique.pdf>. Acesso: 20/06/09.

NEWITT, M. O impacto do português no comércio, política e estruturas de parentesco da África Oriental no século XVI. *Oceanos*, 34: 63-72, 1998.

³⁶ A professora distribuirá textos complementares aos alunos do minicurso.

LIVRO DOS MINICURSOS

OLIVEIRA, Fátima Helena Azevedo de. *A terminologia da culinária Moçambicana – região-alvo*: Maputo-cidade. Rio de Janeiro: Bacantes, 2006.